

ASPECTOS PRINCIPAIS DA FILOSOFIA NÁHUATL

A Antígua Filosofia Mexicana: reflexões sobre o passado e o presente

Franco Benigni
francobenigni@gmail.com

RESUMO: o autor leva em conta a importância do respeito pelas culturas e religiões no anúncio missionário. O faz no contexto contemporâneo onde isto se torna necessário para a preservação da paz mundial. De maneira específica, analisa os textos filosóficos e teológicos da cultura Náhuatl. Evidencia a profundidade da especulação dos séculos imediatamente antecedentes da chegada dos espanhóis, precisamente a reflexão do sábio sacerdote Nezahualcoyotl. O raciocínio Náhuatl tinha pesquisado os princípios Supremos de ser e de Deus. A divindade é Uma, mas, ao mesmo tempo dual. Deus é o Supremo Criador de todas as coisas, é homem e mulher, é mãe e pai. É o princípio Supremo da unidade das coisas e da multiplicidade, sendo dois. A especulação filosófica Pré-hispânica também pesquisou outras questões, tais como a ética. O autor apresenta uma breve visão geral de poemas onde os Tlamatinime expressam suas pesquisas e teorias. Interessante é a intuição do além do qual as flores e os cânticos são o símbolo e o “sacramento”. O artigo termina com algumas considerações de teologia da missão hoje em relação às religiões.

ABSTRAC: The author takes into consideration the importance of respecting cultures and religions for the missionary proclamation. He makes it in the contemporary context, where it has become necessary for the preservation of world peace. In a specific way he analyzes the prehispanic philosophical-theological texts of the Náhuatl culture, bringing out the depth of speculation of the centuries which precede immediately the arrival of the Spaniards, as it is the reflection of the wise priest Nezahualcôyotl. Náhuatl speculation had investigated the supreme principles of being and God. The divinity is One, but at the same time it is Dual. God is the supreme Maker of all things, man and woman, father and mother. He is the supreme principle of Unity of things and multiplicity, being Two. Pre-Hispanic speculation also investigates other philosophical issues, such as ethics. The author presents a brief review of poems in which the tlamatinime express their searches and

their theories. Is interesting the intuition of an afterlife, in which the flowers and the songs are symbol and "sacrament". The article ends with a theology considerations of today mission in relation to religions.

I. CONTEXTO DA CONTRIBUIÇÃO

Com o termo "contexto" faço referência, ainda que brevemente, ao contexto global, eclesial e xaveriano. No que diz respeito ao contexto atual global, são conhecidas as profundas interações políticas, econômicas, sociais e militares entre os diversos países. De fato, a paz mundial não é possível hoje se não houver a possibilidade de diálogo entre os povos e entre as culturas. No entanto, "a paz mundial não é possível sem a paz religiosa. A paz religiosa não é possível sem diálogo das religiões".¹ A "Paz mundial não é possível sem a paz religiosa", foi o tema de um simpósio promovido pela UNESCO em 1989, em Paris, quando Hans Küng apresentou um plano para uma ética global, propondo novamente esta tese no *World Economic Forum* em Davos, em 1990. A "essência" da ética global, ao dizer de Küng, consiste em "colocar os dados coincidentes e existentes ao alcance da consciência pública, e também tentar com todos os meios que as religiões acentuem no futuro, mais o que une do que separa".² O que poderia ser feito, continua Küng, se os especialistas das diferentes religiões e do mundo da ética colaborarem "para criar e reforçar a consciência de uma ética global, através de estudos conjuntos das fontes, análises históricas, avaliações de diagnóstico sistemático e sócio-político". Obviamente é necessário que os líderes culturais, políticos e religiosos da sociedade se dediquem, o mais possível à questão da ética global, "tão difícil e transcendental para a sobrevivência da humanidade".³ Então, a situação no contexto global de hoje nos impele ao diálogo no âmbito de uma ética global.

¹ KÜNG, Hans. *Proyecto de una Ética mundial*. Madrid: Trotta, 2003, p. 9

² Ibid, p. 12

³ Ibid, p. 12

Como Igreja vivemos hoje numa época que, do ponto de vista interno, abriu-se ao sentido da história, e talvez por isto, à internacionalidade. Isso se deu nos últimos cinquenta anos, ou seja, desde o final do Concílio Vaticano II. A constituição pastoral *Gaudium et Spes*, de 7 de dezembro de 1965, reconheceu que “a Igreja... sente-se íntima e realmente solidária com o gênero humano e de sua história” (GS 1).

Também nos números 28, 56 e 92 do mesmo documento insiste-se que a Igreja procura o diálogo com as culturas, e com toda a humanidade, a fim de construir uma paz genuína. Para isto requer respeito, amor à verdade e a caridade (cf. GS 28). A base é a liberdade religiosa estabelecida pelo mesmo Concílio na *Dignitatis Humanae*:

Esta liberdade consiste no seguinte: todos os homens devem estar livres de coação, quer por parte dos indivíduos, quer dos grupos sociais ou qualquer autoridade humana; e de tal modo que, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência, nem impedido de proceder segundo a mesma, em privado e em público, só ou associado com outros, dentro dos devidos limites. Declara, além disso, que o direito à liberdade religiosa se funda realmente na própria dignidade da pessoa humana, como a palavra revelada de Deus e a própria razão a dão a conhecer (DH 2).

Posteriormente, a perspectiva eclesial sempre tem procurado o diálogo com outras religiões e com a sociedade civil. A razão teológica para o diálogo eclesial com outras religiões é a presença das “sementes do Verbo” que o Espírito nos ajuda a reconhecer, exatamente no diálogo:

O Espírito manifesta-se particularmente na Igreja e nos seus membros, mas a Sua presença e ação são universais, sem limites de espaço nem de tempo. O Concílio Vaticano II lembra a obra do Espírito no coração de cada homem, cuidando e fazendo germinar as sementes do Verbo, presentes nas iniciativas religiosas e nos esforços humanos à procura da verdade, do bem, e de Deus. (...) A presença e ação do Espírito não atingem apenas os indivíduos, mas também a sociedade e a história, os povos, as culturas e as religiões. Com efeito, Ele está na base dos ideais nobres e das

iniciativas benfeitoras da humanidade peregrina: com admirável providência, o Espírito dirige o curso dos tempos e renova a face da terra (RMi 28).

E mais adiante a própria Redemptoris missio afirma:

O diálogo inter-religioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja. Entendido como método e meio para um conhecimento e enriquecimento recíproco, ele não está em contraposição com a missão ad gentes; pelo contrário, tem laços especiais com ela, e constitui uma sua expressão (RMi 28).

De fato, hoje a missão é apresentada pela mais recente teologia católica como “diálogo existencial”, “o modo pelo qual a Igreja pode comunicar o Evangelho, de acordo com o bispo filipino L. A. Tagle, iniciando um diálogo existencial com os outros⁴..” ou, ainda, um diálogo profético.⁵

No âmbito xaveriano, as Constituições (C) recebem e integram o dado teológico ao n. 13:

Procuramos compreender e aceitar os nossos irmãos não cristãos com os seus valores e com a sua religião. Com um fraterno e qualificado dialogo de vida e de fé, empenhamo-nos em promover os valores comuns do Reino (C 13).

Nossa Ratio Missionis Xaveriana (RMX) diz:

Realizamos a nossa missão evangelizadora seguindo a modalidade das diversidades que (...), dão prioridade, às vezes, ao caminho do testemunho silencioso e ao da proclamação explícita, em alguns casos ao das obras de misericórdia e da promoção humana, em outros ao diálogo inter-religioso ... (RMX 31)

“O diálogo e a inculturação são atitudes que nos dizem respeito, a cada um de nós e à vida de nossas comunidades” (RMX 42). Então, como é sabido, o texto xaveriano segue indicando

⁴ MENIN, Mario. “La missione oggi nell’orizzonte del mondo, delle religioni e delle culture”. In: *Credere oggi*. Teologia della Missione, 179, 5/10, p. 18

⁵ Cf. BEVANS, Stephen B.; SCHROEDER, Roger P. *Teologia per la Missione oggi*. Costanti nel contesto. Brescia: Queriniana, 2010, p. 550ss. Sobre este tema, a missão como diálogo profético, o livro dedica todo o último capítulo da última parte.

as modalidades, as disposições pessoais e os âmbitos de diálogo. O que aqui afirmo é a sintonia da nossa “humilde congregação” com as diretrizes da Igreja, que, por sua vez, está, neste momento histórico, em profunda empatia com a “família humana”.⁶

II. A FILOSOFIA NÁHUATL

A contribuição, no espírito indicado anteriormente, quer evidenciar as *sementes do Verbo* presentes na cultura Náhuatl, na filosofia. Para isto, vou tentar primeiro clarificar o conceito de filosofia, logo indicar as fontes, delimitar o tempo e o espaço e, enfim, as teorias filosóficas dos Nahuas.

1. Esclarecendo o termo de filosofia: o saber da filosofia

A palavra “filosofia”, segundo a tradição, remete a Pitágoras e tem o significado de “amor à sabedoria”. O filósofo é o “amigo da sabedoria”, porque só Deus é “Sofos”, só Deus tem a plenitude do conhecimento. Com este termo, filosofia, entende-se qualquer concepção e compreensão geral da realidade e da posição do homem que a contextualiza. Por isso, a sabedoria é uma forma de filosofia.

A sabedoria que o homem busca está finalizada a dar-lhe confiança: a primeira forma de sabedoria totalizante destinada a dar-lhe segurança foi, talvez, a adivinhação por meio do xamã, com a qual o ser humano podia se defender dos acontecimentos futuros e conjurar sua periculosidade. Assim a estruturação das forças naturais, hipostasiadas como divindades, outorga dentro do âmbito cultural a segurança necessária.

Quando o homem se estabeleceu dentro dos muros da cidade, encontrou uma segunda maneira de saber destinado a proporcionar-lhe segurança: os mitos alimentaram suas cosmo-

⁶ Cf. *Gaudium et Spes*, nos n. 1, 2, 3, etc.; são 26 vezes que o concílio usa esta expressão nesse documento.

visões e constituíram o padrão que garantia a segurança social estável. A ética, uma das formas de filosofia desde as antigas civilizações, foi colocada em relação de dependência em relação à cosmovisão padronizada. Por exemplo, na China e na Índia, e mais precisamente na civilização Náhuatl. Finalmente, *at last but not least*, a sabedoria humana tem procurado Deus. Talvez esta seja a indagação que a sabedoria humana mais se esmerou, tendo que dar uma resposta fundamental à existência: desta resposta depende a justa conduta neste mundo e a felicidade em uma possível vida futura.

Esta é o âmbito aonde nasce a palavra *filosofia*, para designar a investigação que procura as “causas primeiras”, e que, como tal, é um discurso sobre o homem, seu comportamento e seu destino, sobre o mundo, sua origem e fim, sobre Deus como causa, origem e fim do ser humano.⁷ Os autores mexicanos José Rubén Sanabria e Maurício Beauchot, em sua pesquisa histórica da filosofia no México, a definem como “... um saber para a busca de sentido, isto é, de verdade”.⁸

Precisamente, trata-se aqui, de indicar quais foram os caminhos na busca da sabedoria, quer dizer, da verdade e do pensamento dos antigos habitantes do México. O uso do termo filosofia, sabedoria e pensamento, praticamente, chegam a identificar-se. Por esta razão, parece legítimo usar o termo e o conceito correspondente de “filosofia” para indicar também as filosofias não ocidentais, entre as quais está em pleno direito, como quero mostrar, a filosofia Náhuatl.

⁷ Pode-se ler a descrição da passagem da cosmogonia à filosofia justamente numa página muito conhecida da *Metafísica* de Aristóteles: “Nós dizemos, na verdade, que sabemos uma coisa quando sabemos a sua primeira causa. (...) Tal, iniciador dessa filosofia, diz que (a primeira causa) é a água (...). De acordo com alguns, também os primeiros autores da cosmogonia, antiguíssimos e muito antes de nós, opinaram assim sobre a natureza. Eles fizeram, de fato, o oceano e a Thetis pais da geração, e testemunhas do juramento dos deuses, água, (...) Pois o que mais é respeitado é o mais antigo...” (*Metafísica A*, 3, *passim*).

⁸ SANABRIA, José Rubén; BEUCHOT, Mauricio. *Historia de la filosofía cristiana en México*. México: Universidad Iberoamericana Filosofía, 1994, p.12

2. Delimitações geográficas e temporais

A primeira cultura que adquiriu clara configuração histórica de “alta cultura” é a olmeca, por volta de 1200 a.C. na região que compreende os atuais estados de Tabasco e Veracruz. Aos poucos, se estendeu para o México central, parte das regiões litorâneas do Golfo e do Pacífico, Oaxaca, Yucatan, Guatemala, Belize, Honduras e Nicarágua. Esse é o território que chamamos Mesoamérica⁹ e que foi estruturado politicamente com autoridades, reinos e impérios. Essa cultura foi expressa em cidades com grandes edifícios como templos, palácios, escolas, mercados, centros de lazer e casas residenciais. Nessas cidades floresceram todas as belas artes e desenvolveram-se várias formas de escrita, que podemos constatar hoje nos monumentos e códices, isto é, nos livros da época. Houve sistemas avançados para medir o tempo com base no movimento dos astros. Os templos e os monumentos falam da religião de seus habitantes, de suas cosmovisões e de sua *Weltanschauung*.¹⁰

Os povos pré-hispânicos, como os astecas, toltecas, culhua-canos, cholultecas, tlaxcaltecas, falava a língua nahuatl. Os astecas tinham conquistado o México até Chiapas e Guatemala. Porém havia outros povos na mesma cultura, que eram aliados, como tlacopanos e texcocanos. Os astecas assumiram muito da cultura tolteca, no período de auge que foi a partir do século IX até XII d.C., ao qual os mexicas do século XIV, referiam-se como a idade de ouro do sábio sacerdote Quetzalcoatl. Os testemunhos que temos do pensamento expresso em Náhuatl por esses povos, nos permitem reconstruir sua forma de filosofia, extremamente interessante e existencial.

⁹ Cf. GARZA, Mercedes de la. Ideas religiosas fundamentales de los Nahuas y los Mayas antiguos. In: Gómez Caffarena José, (edición de). *Religión*. Trotta, Madrid, 1993, p. 37

¹⁰ Cf. LEÓN PORTILLA, Miguel. El Pensamiento Nahuatl. In: Laureano Robles (editor). *Filosofía iberoamericana en la época del Encuentro*, Trotta, 1992, pp.79-80

3. As fontes

Vamos considerar primeiramente quais são as fontes que permitem pesquisar a filosofia nahuatl. Trata-se de quatro tipos:

3.1. Códices (ou livros) pré-hispânicos indígenas. Os códices náhuas se reduzem a cinco e a um fragmento. Eles estão preservados nas bibliotecas de Oxford, do Vaticano (dois), na Universidade de Bolonha e no Museu de Liverpool. Estes textos tratam temas da filosofia antropológica (significado da vida do homem sobre a terra), teológico (de origem e de ação dos deuses), cósmico e cosmogônico (o tempo, suas ações e significado; origem de ser, o cosmos e a realidade).¹¹

3.2. Códices indígenas coloniais. Trata-se de numerosas obras elaboradas após a conquista pelos espanhóis. Compreendem cosmogonias, genealogias, história, concepção cíclica do tempo, o destino do homem, a natureza da divindade, as relações tributárias...

3.3. Textos escritos em nahuatl, transcritos com o alfabeto latino. Entre esses textos devem ser mencionados o Manuscrito de 1558 ou Lenda dos Sois (Biblioteca do Museu Nacional de Antropologia, México). É um texto muito interessante para conhecer a filosofia e teologia nahuatl, mas com o alfabeto latino; trata dos ciclos do cosmos, a dualidade divina e os ensinamentos do sábio sacerdote Quetzalcoatl. Também é necessário mencionar os Cânticos mexicanos e os Romances dos Senhores da Nova Espanha, conservados respectivamente na Biblioteca Nacional do México e na Biblioteca da Universidade do Texas, Austin.

3.4. Inscrições glíficas¹² e representações iconográficas: trata-se de pinturas e incisões em monumentos e vasos que nos permitem conhecer as origens das crenças e cosmologias muito antigas

¹¹ Cf. FLORES, Miguel Pastrana. Fuentes para el estudio de la religión náhuatl. In: Silvia Limón Olvera (ed.). *La religión de los pueblos nabuas*. Trotta, 2008, Madrid, pp. 80 ss.

¹² A escritura glífica se baseia num sistema de símbolos e desenhos simples.

4. Pensamento filosófico e teológico

4.1 As cosmogonias anteriores e a integração de Quetzalcoatl

A origem da filosofia dos náhuas está no sábio sacerdote Quetzalcoatl, que provavelmente viveu no século IX d.C.¹³ e governou aos toltecas transmitindo-lhes artes e doutrinas religiosas. Seu pensamento toma crenças antigas mesoamericanas conservadas em vários mitos e as reelabora dando-lhes um novo e mais profundo sentido.

O mundo, de acordo com seu pensamento que nos foi transmitido, é uma grande ilha no meio de um vasto mar, dividido em quatro partes convergentes no umbigo da terra. Horizontalmente cada uma das quatro partes do mundo tem a sua função cósmica: o Oriente é a região da vida, da luz e da fertilidade; sua cor é branca. O preto é a cor do Norte, onde os mortos são enterrados. O poente é caracterizado pela cor vermelha: é o país onde está a morada do sol. A cor azul é o quadrante das sementes.

O universo Náhuatl está dividido verticalmente em andares acima e abaixo da terra. Na parte de cima está a cúpula azul dos céus, por onde se movem em seus trilhos a lua, o sol e as estrelas. Debaixo da terra, nos pisos inferiores está a região dos mortos, que devem cruzar os caminhos escuros para *Mictlan*, justamente a região dos mortos.

Poderíamos assim dizer que essas divindades são forças naturais personificadas através de formas humanas (ou cósmicas) idealizadas, ou são forças e aspectos de humanos que foram sublimadas, hipostasiadas¹⁴ com esplêndida analogia antropomórfica. No lugar mais alto no céu vive o deus dual, Ometeotl, que tem em si os princípios masculino e feminino. Tem em si o princípio da unidade e da dualidade, ou seja, da pluralidade. Ometeotl não foi criado, mas é o princípio de si mesmo, princípio e fim de todas as

¹³ Cf. LEÓN PORTILLA, 1992, p. 83

¹⁴ Cf. REALE Giovanni; ANTISERI, Dario. *Historia del pensamiento filosófico y científico*. Barcelona: Herder, 1995, vol I, p.25

coisas. Ninguém viu seu rosto, porque é invisível como a noite e, ninguém pode subir até onde ele está, porque é impalpável como o vento. O único que os homens podem ver são as máscaras ou seja, manifestações de sua essência inesgotável. Ele é pai e mãe de todos os deuses e todos os homens.¹⁵ Os mundos e o tempo são cíclicos, ou seja, existiram anteriormente repetidamente e consecutivamente em idades sucessivas ou sóis, como eles chamavam. Quatro eram os sóis que tinham existido e terminado: ar, terra, água e fogo. Finalmente, este foi o vento: o Quinto Sol que terminaria com um cataclismo. Mas, os sacrifícios humanos poderiam adiar essa conclusão.

Quetzalcoatl também descobriu a doutrina do além: o lugar do saber, além da morte e da destruição de mundos.¹⁶ O sacerdote Quetzacoatl ensinou aos toltecas a integra a antiga imagem de um deus-dualidade:

E os toltecas sabiam que muitos são os céus, falavam que são treze divisões sobrepostas.

Ai está aí vive o verdadeiro deus e seu colaborador. O deus celestial se chama Senhor da dualidade e seu colaborador se chama Senhora da dualidade, senhora celeste.

Quero dizer: sobre os doze céus é rei, é o Senhor.

De aí, recebemos a vida, nós os macehuales (os seres humanos).

De lá cai nosso destino, quando é posto, quando o neném escorre.

A partir daí vem seu ser e destino, se coloca em seu interior, enviado pelo Senhor da dualidade.

(Códice Matritense da Academia).¹⁷

O Deus Supremo e Dual é criador de tudo, responsável pelo destino de todos os homens. Para chegar com ele os meios são os sacrifícios e a abstinência. Quetzalcoatl foi perseguido por feiticeiros que vieram de longe para introduzir em Tula os sacrifícios humanos. Então ele marchou em direção ao leste, de onde um

¹⁵ Cf. ÁLVAREZ, Constantino Jesús. *El Pensamiento Mítico de los Aztecas*. Morelia: Balsal, 1977, p. 15 ss.

¹⁶ LEÓN PORTILLA, 1992, p. 84

¹⁷ LEÓN PORTILLA, 1992, p. 83.

dia voltaria ao seu povo para estabelecer uma nova idade de ouro.¹⁸ Ao sábio sacerdote é atribuído ter favorecido uma “conceitualização teológica”¹⁹ dos mitos preexistentes: a divindade, se manifesta como forte, é sempre ao mesmo tempo uma e dual. Pode-se também dizer que é uma múltíplice simultaneamente, sendo a dualidade, princípio da pluralidade.

4.2 Pensamento sobre Deus e o homem dos náhuas do séculos XIII-XVI

Até o século X d.C. termina na Mesoamérica o Período Clássico (iniciado antes da era cristã) e começa o período chamado pós-clássico que dura até a chegada dos espanhóis. Nos séculos IX e X se deram várias migrações de povos. Ao centro da Mesoamérica chegaram populações procedentes do norte, do litoral de Oaxaca e do Golfo do México.²⁰ Os mexicas ou astecas, procedentes das planícies do norte, vieram-se estabelecer no Vale do México, portadores da religião do deus tutelar Huitzilopochtli, que estava presente no Sol doador da vida e que os destinava a estabelecer-se numa terra fecunda e feliz, onde tinham a tarefa de dominar o mundo. Uma vez que entraram em contato com a visão do mundo tolteca, integraram a religião com o princípio dual de Deus, atribuindo a Huitzilopochtli o lugar principal no Templo Mayor. A diferença dos toltecas, os mexicas introduziram os sacrifícios humanos rituais que celebravam mais ou menos a cada vinte dias, de acordo com seu calendário.

Houve várias formas de sacrifício de sangrento. As principais foram a decapitação, a remoção do coração, flechamento e imersão em tanques de água sagrados. As vítimas eram prisioneiros de guerra, criminosos, escravos, crianças (órfãos, dados por seus pais ou comprados) e raramente voluntários. O sacrifício por decapitação está associado, principalmente com a fertilidade da terra,

¹⁸ Cf. ÁLVAREZ, 1977, pp. 43 ss.

¹⁹ LEÓN PORTILLA, 1992, p. 87

²⁰ Cf. LEÓN PORTILLA, Miguel. Orígenes y desarrollo de Mesoamérica. In: WOBESER, Gisela Von (coord.). *Historia de México*. México: Academia Mexicana de la Historia, 2010, pp.45 ss.

porque o sangue infunde energia vital à terra e a cabeça símbolo da espiga de milho. Além disso, está intimamente relacionado com o jogo de bola, um dos ritos centrais da religião Náhuatl e Maya ... O jogo de bola é em todo o âmbito mesoamericano, o símbolo da luta de adversários. Entre os náhuas representa a luta do sol contra a lua e as estrelas (luz contra as trevas, bem contra o mal, a vida contra a morte) e no Popol Vuh representa a luta dos seres vitais e celestes (Sol e Lua) contra a infraterrestres (deidades de morte). Sendo luta dos contrários, o jogo está relacionado com a guerra sagrada (para obter prisioneiros para o abate dos sacrifícios); assim, os jogadores são representados em várias obras plásticas, como guerreiros.²¹

As guerras de conquista são para os náhuas busca de vítimas e desejo de estender o domínio do Deus deles. A moral é rígida: castigam severamente em muitos casos, até mesmo com a morte, quem mente, rouba, fica bêbado, comete adultério, mata o outro, não trabalha, foge do combate. Os lugares onde são feitos os ensinamentos teológicos e morais são nas “casas da juventude” e nas escolas, propriamente sacerdotais.

O destino dos mortos depende da conduta nesta vida. Quando uma pessoa morre, o corpo é destruído queimado na terra, enquanto o coração, fonte e sopro de vida, começa a viagem para o além. O lugar é determinado pelos deuses insondavelmente: os eleitos do Senhor e da Senhora das águas celestes e terrestres marcham para um jardim de delícias, a “Terra das Flores”, localizada nos estratos superiores do cosmos. Os guerreiros mortos em batalha e as mulheres que falecem no parto, com o neném, possível futuro guerreiro, estarão ao lado do Sol, os homens do amanhecer ao zênite, do zênite ao entardecer as mulheres. A maioria dos seres humanos têm como lugar de destino comum os estratos inferiores do cosmos. Têm que enfrentar provas terríveis e mesmo assim, quatro anos depois de ter chegado diante do Dual Senhor-Senhora da terra dos mortos, perece totalmente.²²

²¹ GARZA, Mercedes de la. Ideas religiosas fundamentales de los Nahuas y los Mayas antiguos, In: GÓMEZ CAFFARENA José. Religión. Madrid: Trotta, 1993, pp.49 ss.

²² Cf. LEÓN PORTILLA, 1992, p. 89.

4.3 Os Tlaminime

O *Tlaminime* “era o educador na sociedade asteca, tinha a missão, usando sua própria expressão idiomática, de ‘forma nos homens um rosto sábio e um coração firme como pedra’”.²³

Os temas que enfrentaram os sábios náhuas foram fundamentalmente, pelo que se sabe, os seguintes: o comportamento humano, hoje diríamos a ética; a divindade, o que pode ser dito de Deus; o problema da morte e do além. A forma pela qual sabemos seu pensamento são poemas e cânticos com os quais expressaram suas dúvidas e respostas.

Na maioria esses estudiosos permaneceram anônimos. Assim, o autor do seguinte poema, do manuscrito dos *Cantares mexicanos*, onde se expressa a pergunta sobre o sentido da vida:

*Para onde iremos?
Só ao nascer chegamos.
Que lá é a nossa casa:
onde está o lugar dos descarnados.
Sofro: nunca chegou para mim alegria, felicidade.
Aqui vim só para trabalhar em vão?
Não é esta a região aonde as coisas são feitas.
Certamente nada fica verde aqui:
abre suas flores a miséria.*²⁴

Outro poema experimenta um tédio existencial frente ao grande mistério do destino humano. Fala da infinita tristeza diante da dúvida de uma vida destinada a terminar em nada:

*Para onde irei?
Para onde irei?
O caminho do Deus da dualidade.
Por acaso está tua casa no sitio dos descarnados?
No interior do céu?
Ou só aqui na terra é o lugar dos descarnados.*²⁵

²³ IBARGÜENGOITIA, Antonio. *Filosofia mexicana*. En sus hombres y en sus textos, México: Porrúa, 2004, p. 5.

²⁴ LEÓN PORTILLA, 1992, p. 90.

²⁵ LEÓN PORTILLA, 1992, p. 91

Agora, diante da angústia da questão fundamental existem três respostas dos sábios náhuas. A primeira convida para gozar a vida despreocupando-se do amanhã, como diz a seguinte composição:

*Choro, sinto-me desolado:
Lembro que temos que deixar as belas flores e cantos.
Festejando então, cantemos agora!
pois totalmente vamos embora e nos perdermos ...
Não estejam aflitos vossos corações, meus amigos;
como sei, também eles sabem,
uma só vez vai embora nossa vida.
Vinde e gozemos ‘
Que não o façam os que vivem raivosos,
a terra é muito ampla ...* ²⁶

A segunda resposta consiste em aceitar o destino estabelecido pelos deuses:

*Por acaso no além somos verdadeiros?
Vivemos aonde só há tristeza?
Por acaso é verdade, por acaso não é verdade, como dizem?
Nossos corações não se lamentem.
Quantos realmente dizem que é verdade ou o que não é verdade ali?
Tu só te mostras inexorável, Doador da vida.
Nossos corações não se lamentem.* ²⁷

A terceira resposta é uma espécie de “via estética de salvação”:

*Aonde mora, meu Deus, que dais a vida?
Em qualquer lugar eu, poeta, te busco e estou triste.
Mas quero dar-te prazer.
Aqui, aonde as brancas flores fragrantes.
Em meado da primavera abrem-se,
aqui, entre cores e cantos, quero dar-te prazer.* ²⁸

²⁶ LEÓN PORTILLA, 1992, p. 91

²⁷ LEÓN PORTILLA, 1992, p. 92

²⁸ LIBERATORE, U.; HERNANDEZ CAMPOS, J. *Canti Aztechi*. Il lamento di un popolo che agonizza nel pieno fulgore della sua storia. Parma: Guanda, 1961. Os *Cantares mexicanos* tiveram uma primeira edição em italiano em 1961 pela Editora Guanda, de Parma. Os poemas deste livro foram transcritas por mim em 1979, mas sem informar o número de páginas. Portanto, a tradução dos textos em espanhol é de minha responsabilidade.

*O Deus te fez
Como uma flor te fez nascer
Como um canto te pintou.*²⁹

Se a maior parte dos *Tlaminime* são anônimos, contudo de alguns conhecemos o nome, por exemplo, do sábio *Ayocuan Cuetzpaltzin*, do senhorio de *Tecamachalco*, atual estado de Puebla, ou de *Tochihuitzin Coyolchiuhqui*, senhor de *Teotlaltzinco*, que deixou um poema indicando no sonho uma metáfora da vida:

*De repente saímos do sonho,
Só viemos a sonhar,
Não é certo, não é certo,
Que viemos viver sobre a terra.*³⁰

4.4 *Nezahualcōyotl*

O mais importante e conhecido dos sábios náhuas foi *Nezahualcoyotl*, governante e poeta, nascido em Texcoco em 1402, filho do rei *Ixtlilxóchitl* e morto em 1472. Viveu uma vida cheia de incertezas, assistindo à morte do pai no último combate, assassinado pela mão dos vizinhos de *Azcapozalco* em 1418. A luta dura dez anos “movimentando-se continuamente... e provocando os inimigos com certa inconsciência juvenil”.³¹ Até que, com a aliança dos mexicas, conseguiu retomar o governo do povo estabelecendo uma época de ouro em que floresceram, pelo seu impulso, a cultura e as artes. Nesse período se edificam palácios, jardins botânicos e zoológicos. Com este sábio filósofo, a profundidade de pensamento do México pré-hispânico atingiu talvez o auge.³²

A ideia central de onde começa sua reflexão é a “transitoriedade” da vida, do tempo e de todas as coisas. Isso o conduz à tristeza

²⁹ LIBERATORE, 1961.

³⁰ LEÓN PORTILLA, 1992, p. 93

³¹ MARTÍNEZ, José Luis. *Nezahualcōyotl, vida y obra*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999, p. 15

³² Cf. LEÓN PORTILLA, 1992, pp.94 ss.

e a dúvida diante do sentido da vida e da real consistência. A busca –“como se entre as flores procurássemos alguém”– chega enfim a descobrir o sentido da vida, da realidade e da existência, ou nos termos dele, o significado profundo das “flores e dos cantos”:

*Enfim, compreende o meu coração;
escuto um canto,
contemplo uma flor,
Oxalá não se murche!
(Romances dos Senhores).³³*

Transpondo em categorias hodiernas a mensagem de Nezahualcoyotl, poderíamos dizer que a descoberta deste náhua sábio é determinar o valor simbólico da realidade: em outras palavras, as flores e os cantos são sacramento de Deus, meios com os quais tocamos o divino e descobrimos o sentido último da existência, entendida como imagem, símbolo, sacramento do definitivo:

*Não acabarão minhas flores
Não cessarão meus cânticos ...*

*Mesmo quando as flores
Se murchem e amarelem
Serão levadas para o além
Ao interior da casa
De ave de plumas de ouro.³⁴*

Deus é e fica incompreensível, mas o penhor da sua última “misteriosa incompreensibilidade” está nas mãos dos homens e são as cores das flores e os cânticos das aves; em outras palavras, o caminho para Deus é o caminho da beleza, porque “só a beleza salvará o mundo”. Também se poderia dizer que a salvação está na “santidade” (no sentido ético) da vida como um encontro com a sacramentalidade das coisas.

*Ninguém pode aqui,
ninguém pode ser amigo
do Doador da vida;*

³³ LEÓN PORTILLA, 1992, p. 95

³⁴ LEÓN PORTILLA, 1992, p. 96.

*Ele só é invocado,
ao lado dele, junto dele,
pode-se viver na terra.
apenas sabe isto:
Ele é invocado, ao lado dele, junto dele,
Pode-se viver na terra...*

“Apenas duas gerações depois da morte dele viria a conquista espanhola com a catástrofe para o mundo indígena e até com a destruição dos arquivos da cultura. Também, porém, viria outro sistema de escrita que possibilitou a transmissão, no próprio náhuatl, dos fatos daquela vida e alguns dos cânticos. Graças ao seu zelo, o espírito de Nezahualcoyotl perseverou”.³⁵

4.5 Os Tlaminime e os doze primeiros freis

Em 1524 chegaram a México os doze freis franciscanos procedentes de Estremadura. Não eram os primeiros, mas o processo sistemático de evangelização do país foi realizado por eles, já que haviam sido solicitados por Cortes.³⁶ Entre eles estava Toribio de Benavente, quem se fez chamar de *Motolinia* (o pobre) e escreveu uma história dos índios da Nova Espanha. Diante destes religiosos, os tlaminime corajosamente defenderam a tradição, a cultura e as doutrinas deles, mesmo sabendo que no mundo, o quinto sol tinha terminado. Isto é o que emerge do capítulo VII do livro “*Los coloquios*”, recopilação feita por Bernardino de Sahagun (1500-1590), sobre os documentos das discussões dos doze frades com os sábios náhuas que encontrou em Tlatelolco. Os tlaminime afirmam que o modo náhuatl de pensar a divindade é digno de respeito porque ele é sublime, rico e profundo, porque se baseia na tradição imemorável da cultura e porque proporciona razões apropriadas da conduta moral.

*Vós dissestes
Que nós não conhecíamos*

³⁵ MARTÍNEZ, 1999, p. 92.

³⁶ Cf. MURIÁ, José María. La conquista de México. In: VON WOBESER, Gisela (coord.), 2010, p. 83.

O Senhor do perto e do junto
Aquele de quem são o céu, a terra
Tendo dito
Que não são verdadeiros deuses os nossos
 ...
Era doutrina dos nossos maiores
Que são os deuses por quem se vive,
Eles nos mereceram, (com seu sacrifício nos deram vida)
 ...
E agora, nós
Destruíramos a antiga regra de vida?
A regra da vida dos chichimecas,
A regra da vida dos toltecas
A regra da vida dos acolhuas,
A regra da vida dos tecpanecas?
Nós sabemos
A quem se deve a vida
A quem se deve o nascer,
 ...
Como tem que invocar
Como tem que rogar.³⁷

Os tlamatime se recusaram a aceitar a reivindicação dos frades que “os deuses morreram” e, depois de evocar a fé dos antepassados, a dignidade das crenças, a nobreza da tradição deles, pediram aos frades que lhes permitissem seguir com a religião deles, que é o único que resta, porque eles perderam tudo.

Ouvi senhores nossos
Não façam algo
A vosso povo que lhe chegue a desgraça,
Que o faça perecer...
Tranquila e amistosamente
Considerai senhores nossos,
O que é necessário.
Não podemos estar tranquilos
E certamente não acreditamos ainda,
Não o tomamos por verdade
(mesmo quando) os ofendamos.

³⁷ LEÓN PORTILLA, Miguel. *La Filosofía Náhuatl*. Estudiada en sus fuentes. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1997, p. 130.

*É já bastante que tenhamos perdido
 Que se nos tenha tirado,
 Que se nos tenha impedido nosso governo
 Se no mesmo lugar permanecemos,
 Só seremos prisioneiros
 Fazei com nós o que quiseres
 Isto é tudo o que respondemos.
 O que contestamos a vosso hábito, a vossa palavra,
 Ó senhores Nossos.³⁸*

O texto fala por si mesmo com dramática tristeza.

5. Considerações finais

A história do encontro-desencontro da fé cristã com notáveis culturas, infelizmente, em vários casos, têm sido forçada ou talvez violentada. A teologia anterior ao Vaticano II pensava a missão desde o ponto de vista eclesial, como obediência ao mandamento de Cristo, em termos jurídicos, como autoridade de quem é o encarregado por parte do papa e dos bispos, em termos geográficos como ação da Igreja fora das fronteiras territoriais. O respeito pela cultura não entrava nos critérios da evangelização da época.

O que foi brevemente apresentado aqui, nos leva a fazer considerações sobre a relação entre cultura e religião, entre o anúncio do Evangelho e as formas humanas de vida. Em todos os povos, até a secularização na época contemporânea, a religião tem revestido a função unificadora de constituir o princípio galvanizador da identidade do povo, em cujo quadro o indivíduo, por sua vez, pode identificar-se ele mesmo, na tradição do povo. A religião do mundo pré-hispânico não pode ser entendida a não ser a partir do âmbito interno da civilização pré-hispânica.³⁹

A primeira reflexão nos convida a pensar que o anúncio do Evangelho não deve ser confundido com a implantação de uma

³⁸ Aqui citei parte do texto do capítulo VII de Los Coloquios, reportado em: LEÓN PORTILLA, 1997, pp. 130 ss.

³⁹ Cf. o n. 2 dos Cadernos do CEMLA onde se estuda o fato guadalupano como forma adequada da evangelização.

realidade exclusivamente histórica dentro da história, e sim valorizar e evidenciar as “sementes do Verbo”, como falaram os Padres da Igreja, já presente nas culturas. A *Evangelii Nuntiandi* enfatiza a evangelização das culturas.⁴⁰ Na verdade, o evangelho não se identifica com nenhuma cultura, mas oferece critérios para construir novas sínteses, novos humanismos. Mario Menin comenta:

*O critério fundamental é aquele da prioridade verídica do evangelho com respeito às culturas, uma vez que nenhuma é perfeita e todas são habitadas pela ambiguidade, a morte e o pecado. O cristianismo cumpre com sua missão, quando está ciente de que a salvação, o tesouro que leva em vasos de barro, não é a propriedade, é o dom de Deus para toda a humanidade que precisa ser entregue com urgência e não pode ser arruinado pelos missionários.*⁴¹

A igreja é precisamente este “processo verídico” que convida as culturas e os indivíduos a se converter ao evangelho. Michael Amaladoss sublinha a necessidade de *ir além da inculturação* que transforma e não destrói as culturas, considerando que, na terra natal dele, a Índia, nenhuma religião pode se identificar com a cultura: “Os cristãos, através do testemunho podem empurrar a

⁴⁰ Poder-se-ia exprimir tudo isto dizendo: importa evangelizar, não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até às suas raízes, a civilização e as culturas do homem, no sentido pleno e amplo que estes termos têm na Constituição *Gaudium et Spes*, (50) a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus. O Evangelho, e consequentemente a evangelização, não se identificam por certo com a cultura, e são independentes em relação a todas as culturas. E no entanto, o reino que o Evangelho anuncia é vivido por homens profundamente ligados a uma determinada cultura, e a edificação do reino não pode deixar de servir-se de elementos da civilização e das culturas humanas. O Evangelho e a evangelização independentes em relação às culturas, não são necessariamente incompatíveis com elas, mas suscetíveis de as impregnar a todas sem se escravizar a nenhuma delas. A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas. Assim, importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exatamente das culturas. Estas devem ser regeneradas mediante o impacto da Boa Nova. Mas um tal encontro não virá a dar-se se a Boa Nova não for proclamada” (*EN* 20)

⁴¹ MENIN, Mario. La religione oggi nell'orizzonte del mondo, delle religioni e delle culture. In: *Credere oggi*. Teologia della missione. Padova: Edizioni Messaggero, n.179, 5/2010, p. 16

cultura a uma mudança, sem dominar e sem pretender ter uma relação exclusiva com ela”.⁴²

A cultura moderna deve ser evangelizada, especificamente, deve ser evangelizada a ecologia, a afetividade, a tecnologia e a nova sensibilidade religiosa, assim como declarou Leonardo Boff.⁴³ É necessário, em relação à cultura e o evangelho na América Latina, promover as culturas oprimidas dos índios, dos afro-brasileiros e das mulheres; promover a religiosidade e a cultura popular, porque, diz Boff, se “cultura racional” é necessária, no entanto, a mesma é insuficiente.

Tomara que os povos indígenas sigam se apoderando da importância da tradição, da cultura, cientes da dignidade humana, cultural e intelectual que eles têm. De fato, somente no respeito das culturas poderá se dar uma verdadeira evangelização; sem esta condição não haverá uma paz religiosa. Por isso, a Igreja e a nossa congregação convidam ao respeito e ao diálogo para com as culturas, já que sem a paz religiosa não haverá paz mundial.

⁴² Cf. AMALADOSS, Michael. *Oltre l'inculturazione*. Unità e pluralità delle chiese. Bologna: EMI, 2000, p.31 cit. In: MENIN, p. 17

⁴³ Cf. TEIXEIRA, Faustino et al. *CEBs, cidadania e modernidade*. Uma análise crítica. São Paulo: Paulinas, 1993.